

As origens clássicas da figa

GABRIELA MARTIN

É, possivelmente, no Brasil, onde está mais arraigado o uso do popular amuleto, vulgarmente chamado “figa”, e ao estrangeiro que, pela primeira vez, visita o país, não deixa de surpreender a enorme quantidade de tipos, tamanhos e materiais utilizados na sua fabricação. Não faltam em lojas folclóricas dedicadas ao turismo ou nas lojas de umbanda; estão pendentes nos colos das “filhas-de-santo” e de seguidores menores dos cultos afro-brasileiros. Utilizadas como amuleto ou como simples enfeite, passaram hoje da arte popular à ourivesaria européia mais sofisticada e transformaram-se em “pendentifs”, colares e broches, já sem as propriedades profiláticas que as fizeram tão comuns, desde a Antiguidade. Trata-se de um autêntico *caminho de ida e volta*, à semelhança do que tem acontecido com muitos elementos do folclore latino-americano que, posteriormente, influenciaram o próprio folclore ibérico a que deviam sua origem.

A grande influência africana no folclore brasileiro e a circunstância de que a figa seja, sobretudo, utilizada como amuleto pela população brasileira de cor, fez com que, tradicionalmente, se lhe atribuisse uma falsa origem africana, quando, em realidade, se trata de amuleto de pura origem clássica, com dilatada divulgação no mundo fenício, e cujo uso, levado à Península Ibérica pelos colonizadores e conquistadores gregos e romanos, manteve-se em vigor, malgrado as pressões do Cristianismo contra os objetos considerados de culto pagão.

Chegou ao Brasil, portanto, por via européia, em mãos portuguesas e espanholas, e não formando parte do patrimônio cultural africano trazido pelos escravos negros. Embora tenha sido utilizada nas cidades púnicas e romanas do Norte da África, não parece que fosse adotada pelas populações negras do interior africano. Apenas pode ter sido utilizada, esporadicamente, pelos escravos negros da Antiguidade, sincreticamente ligados ao universo mágico de seus senhores.

Atualmente, independentemente de sua presença como simples enfeite, seu uso no Brasil está restringido à capacidade de tirar o mau-olhado, seja como "bibelot" nas casas ou no colo de seus possuidores.

Originariamente, o gesto de "fazer figa", colocando-se o dedo polegar entre o indicador e o médio, com a mão fechada, indicava a união sexual e podia ser medida profílica ou insultuosa, dependendo de como ou quando fosse utilizado. O gesto é descrito por Ovídio, como afastador de desgraça:

"Signare dat digitis medio cum pollice iustis,
Occurrat tacito ne levis umbra tibi"
(*Fastos*, v, 433)

Aliás, a mão como amuleto ou como símbolo mágico, foi utilizada, desde a Pré-História, em diferentes lugares, sem nenhuma relação entre si. A mão hábil do *homo sapiens*, a mão humana capaz de criar, é, frequentemente, objeto mágico em si mesmo, independentemente do gesto. Encontram-se silhuetas de mãos desenhadas nas cavernas européias, entre pinturas paleolíticas, neolíticas e da Idade de Bronze, na França, Espanha e Itália. Como exemplos, poderíamos citar as silhuetas aurinhacienses de *Cueva del Castillo*, em Santander (Espanha); as mãos da caverna de *Pech-Merle*, na França, sobre pinturas de cavalos, da época magdalenense e as gravuras de mãos de Valcamonica (Itália), onde aparecem juntamente com representações fálicas (fig. I).

No Brasil, desenhos de mãos nas pinturas rupestres são comuns, sobretudo nos rochedos do Nordeste, se bem que se encontrem por todo o país. Isolados ou em grupos, são conhecidos em Pernambuco, na Paraíba e no Rio Grande do Norte. Em Taquaritinga (Pe), a "pedra da pintura" apresenta improntas de mãos em tinta vermelha, em torno de figuras de emas e lagartos; no município de Sumé, perto de Campina Grande (Pb), um numeroso grupo de mãos rodeia a figura de um lagarto e o mesmo motivo aparece em São José dos Cordeiros, também na Paraíba (R. Almeida, 1974); no município de Marcelino Vieira (RN), incisões na rocha apresentam figuras estilizadas de animais, pés e mãos (Cabral e Nasser, 1964).

Estando generalizada a interpretação de que figuras de animais pintadas nas cavernas e rochedos formam parte da magia propiciatória da caça, podemos aceitar que, tanto as mãos em torno dos cavalos selvagens de Pech-Merle, na França, como as mãos rodeando as emas e lagartos de Taquaritinga, no Brasil, formam parte de ritos mágicos em torno de animais que se deseja caçar, reforçando a magia universal do homem primitivo à procura do seu sustento.

Mão e falo são comumente valorizados nas pinturas e gravuras pré-históricas, e continuamos a encontrá-los entre nossos primitivos contemporâneos, demonstrando a atração que a mão e o falo exerce sobre as mentes primitivas. Porém, não somente entre os primitivos a mão tem um profundo valor mágico. A representação das mãos e dos pés de Buda aparecem repetidamente na arte hindu. Numerosas estátuas de Buda apresentam suas mãos esculpidas com linhas da roda sagrada e do lótus.

Malgrado a estética iconoclasta da religião muçulmana, a mão aberta de Fátima, filha do Profeta, é amplamente divulgada entre os muçulmanos, como amuleto em forma de pendentif, ou em pinturas e relevos. É um belo desenho que apresenta a mão humana estilizada, com os três dedos centrais

juntos e o polegar e o mínimo do mesmo tamanho e forma. O interior da mão aparece ornado de arabescos.

Há diferenças entre talismã e amuleto. O primeiro tem força ativa de proteger e é capaz de atuar sobre outros elementos adversos. Já o amuleto tem apenas força passiva protetora ou neutralizante contra o mau-olhado, maldições, quebrantos, etc.

Castiglione (1934) distingue, ainda, dos talismãs e amuletos, os *fetiches*, palavra que considera derivada da portuguesa *feitico*, e com a mesma origem da italiana *fattura* (ação mágica), como aplicação à idéia da divindade que reside nos objetos materiais e a sua adoração. Dessa forma, uma determinada pedra preciosa ou uma planta, como a mandrágora, capaz de curar uma doença, será um talismã; a figura de um santo ou um deus será um fetiche ao qual se associa, geralmente, a forma antropomórfica ou zoomórfica e, finalmente, a *figa*, afastadora do mau-olhado, será um amuleto.

A respeito da figa no Brasil, é Câmara Cascudo, no *Dicionário do Folclore Brasileiro*, quem recolhe mais dados: "É o mais conhecido afastador de infelicidades e forças adversas. É mais usado como berloque, enfeite, pendente, alfinete de gravata, em metais ou pedras preciosas. Os populares são feitos de arruda ou de coral, ou de qualquer madeira, com dimensões às vezes de um metro, pendendo-se às portas de entrada. Quando a força do malefício é mais poderosa que a defensiva, a figa parte-se".

Na obra citada, recolhe um versinho popular português, que indica a figa quebrada, quando vencida:

"Olha o demo da mulher
Os olhos que me deitou
Fiquei-me logo a tremer
E vai a figa quebrou"

Segundo Câmara Cascudo, a cor da figa concretiza determinadas propriedades: assim, a preta livra do mau-olhado; a vermelha dá sorte, a amarela aumenta a memória, etc.

Uma pequena restrição a sua afirmativa de que os árabes levaram a figa à África, onde se divulgou, talvez possa ser feita. Muito antes que os árabes pudessem adotá-la, a figa já era conhecida e amplamente difundida na África, pelos cartagineses, gregos e romanos. Presente nos enxovais funerários das necrópoles de Cartago e nas cidades romanas da Mauritânia e associada ao *falus*, a encontramos em amuletos protetores, na cidade púnico-mauritânia de Lixus (Marrocos), e já devia ser conhecida em Alexandria desde a época grega. Nas cidades púnicas do Mediterrâneo Ocidental aparecem abundantemente, como é o caso de Ebussus, na ilha de Ibis (Baleares), cidade cartaginesa fundada em torno de 654 a.C., em cujas necrópoles são encontradas numerosas figas de osso, perfuradas para pendurar, ou em forma de agulhas para os cabelos.

Para Câmara Cascudo, o gesto representado pela figa "é uma representação do ato sexual, em que o polegar é o órgão masculino e o indicador e o médio o triângulo feminino. O símbolo da reprodução anula as influências negativas da esterilidade adversas à vida". Cita, também, entre os mais antigos amuletos contra o mau-olhado, o gesto "tão italiano", de estender os dedos indicador e mínimo, paralelamente, deixando os outros dobrados, chamado de "figa isola", sobretudo no Sul do país. "A mão cornuda repete os cornos, atributos da potência viril, touro solar, vaca lunar, bode de Mendes, cabra Amaltea, cornucópia, etc" — diz ainda Câmara Cascudo: "A mão cornuda livra dos inimigos que possam trazer a fraqueza, o atraso, a infelicidade, todos os atributos contrários à virilidade, energia, decisão, vigor dos animais ornados de cornos". Se bem que o gesto seja conhecido e utilizado, no Brasil, ao contrário, não é representado

na arte e no folclore populares, como a figa, embora objetos que lembram a forma do corno sejam também amuletos.

Registre-se, à propósito, a associação da figa com dentes e raízes, em forma de chifre, que se encontram nos túmulos romanos, em forma de colar, e que, ainda hoje, são vendidos no Brasil, fabricados com materiais locais.

O gesto de fazer cornos com a mão pode relacionar-se, diretamente, com os amuletos em forma de chifre, às vezes, simplesmente, dentes de felinos que pelas suas formas curvas, lembram o corno, aliás, frequentemente associados à figa em colares de enxovais funerários romanos e púnicos.

No Brasil, esta associação entre a figa e o corno é perfeitamente identificada nos amuletos feitos com chifres de touro com a ponta talhada em forma de figa, e que podem ser comprados, ainda, no Mercado de São José, no Recife, recanto sempre cheio de surpresas para antropólogos e sociólogos.

A mão cornuda ou "lisola" transforma-se no simples símbolo do chifre que acompanha a figa. Por sua vez, a simbologia mágica da mão relaciona-se com a magia dos cornos e ambas com a simbologia fálica na equação:

Mão ————— **FIGA**
 CORNO ————— Mau-olhado
 FALO

A relação perfeitamente entrelaçada tem também uma motivação comum: afastar o fascínio, o quebranto, o mau-olhado "invisível, obstinado, terrível mal", no dizer de Câmara Cascudo.

A origem e antiguidade da figa são indiscutíveis, assim como a sua perpetuação cultural ininterrupta, porém se deve observar a notável evolução sofrida no seu significado e sua

aplicação no passar do tempo. Concretamente, podemos afirmar que perdeu, totalmente, seu significado fálico, tanto como objeto em si, como em seu valor de amuleto.

A figa simples, que os meninos romanos levavam no pescoço para afastar o *fascinum*, tem significação e força idênticas às das figas que, ainda hoje, são impostas às crianças brasileiras, não exclusivamente entre as famílias das classes sociais mais baixas, como também entre as da classe média, fato de que somos testemunha pessoal. Não a encontramos aplicada à conservação da potência viril, nem representada associada a símbolos fálicos que hoje seriam considerados profundamente obscenos. A simbologia fálica da figa na sua representação plástica, provavelmente, perdeu-se muito cedo pela influência do cristianismo no combate ao paganismo.

Sabemos que os cultos pagãos conservaram-se na Península Ibérica muitos séculos depois do Edito de Milão, em 313, quando foi instituído o cristianismo como religião oficial. Na verdade, nunca se perderam totalmente, renascendo das cinzas nos momentos em que a maior liberdade religiosa do Novo Mundo deu-lhes possibilidades.

Examinando-se a documentação dos Concílios de Toledo, da Espanha visigoda, torna-se patente esse fato. Neles, recomenda-se, repetidamente, aos bispos, tomar medidas que visem a reprimir o paganismo, a idolatria e a magia. No III Concílio (589), os bispos admitiam que a idolatria estava fortemente implantada em toda Espanha e na Septimânia. No IV Concílio, proíbe-se a todo clérigo consultar adivinhos. No V Concílio, decreta-se que a prática da magia e da adivinhação será castigada com penas de açoite e que poderá o infrator ser vendido como escravo.

As festas pagãs das calendas de Janeiro foram condenadas por São Isidoro, escandalizado com cristãos que dançavam e se embriagavam, fantasiados com peles de animais e roupas de mulher. No século VII, os adoradores de pedras,

fontes e árvores, os áugures e os magos e os que praticavam magia e sortilégios, eram perseguidos e castigados por juizes, bispos e sacerdotes.

Vemos, pois, que nas vésperas da instalação de uma nova religião na Península Ibérica, as práticas pagãs eram numerosas. Práticas, aliás, que a nova religião muçulmana não contribuiria a fazer desaparecer. Posteriormente, na documentação referente aos tribunais medievais da Fé e nos processos do Santo Ofício da Inquisição espanhola e portuguesa, serão numerosas as referências a delitos de paganismo, idolatria, magia e bruxaria, que chegaram até aos nossos dias, disfarçados no folclore e nos costumes populares.

Porém, se bem que amuletos, superstições e crendices pagãs nunca hajam desaparecido, totalmente, malgrado os esforços do cristianismo, qualquer simbologia ou amuleto que lembrasse antigos cultos ou mitos orgiásticos, sempre foi duramente hostilizada pela moral cristã.

Se a representação fálica da figa perde-se, como já dissemos, na Antiguidade, seu significado obsceno manteve-se mais ou menos oculto, por muito tempo, e o achamos, na melhor literatura, ora como protetor-esconjuro, ora como insulto. Este último é a intenção claríssima de Dante ao colocá-lo na boca do ladrão Caco (*Divina Comedia*, Inferno, XXV), fazendo a figa a Deus com ambas as mãos:

“Al fine delle sue parole il ladro
le mani alzò com ambedue le fiche,
gridando: Togli, Iddio, ch' a Te le squadro!”

Na cena, o gesto não é somente insultuoso, mas também, sacrílego. Na mesma época, aparece nas *Istorie Fiorentine*, de Iovani Villani, historiador italiano nascido e morto em Florença (1276-1348), relatando a existência, no seu tempo, de dois braços de mármore que faziam figa à Florença, na rocha de Carmignano. Deduz-se, aqui, que o monumento

infelizmente perdido era protetor da cidade, porque é indubitável que não teriam consentido os florentinos um insulto coletivo a sua pátria. Câmara Cascudo (1972) cita este fato com interpretação diferente, referindo que Pistóia, a quem pertencia o castelo de Carmignano, levantou uma enorme figa contra Florença, que lhe declarou guerra imediatamente. Como Carmignano ficou, a partir de 1328, definitivamente, nas mãos de Florença, o insulto dos pistoianos pode se ter transformado, depois, em monumento protetor da cidade.

Na vida de Teresa d'Ávila, contada pela própria santa, lamenta-se ela que um dos seus confessores obrigava-a a fazer figas, que a protegessem nos seus transe, contra uma possível visão celestial falsa, na realidade obra do espírito infernal. Vemos, assim, como o amuleto toma, aqui, um sentido cristão, apenas repelindo o diabo, sem reminiscências fálicas. Diz Santa Teresa: “*Como las visiones fueron creciendo, uno de ellos que antes me ayudava (que era con quien me confesaba algunas veces que no podia el ministro) comenzó a decir que claro era demonio. Mandame que, ya que no habia remedio de resistir, que siempre me santiguase cuando alguna visión viesse y diese higas, porque tuviese por cierto era demonio y con esto no venia y que no huviese miedo, que Dios me guardatia y me lo gritaria. Davame este dar higas grandisima pena cuando via esta visión del Señor... Por no andar tanto santiguandome tomava una cruz en la mano; esto hacia casi siempre; las higas no tan continuo, porque sentia mucho. Acor-davame de las injurias que le havian hecho los judios y suplicavale me perdonase*”. (Teresa de Jesus, *Libro de la vida*, 29, 5-6).

Cervantes utiliza-a em sentido depreciativo na resposta de dona Rodrigues a Sancho: “*Hermano, si sois juglar — replico la dueña — guardad vuestras gracias para donde lo parezcan y se os paguen; que de mi no podreis llevar sino una higa*” (D. Quijote, cap. XXXI, 2.^a parte) e quando Sancho aconselha a D. Quijote: “*de uma higa al médico, pues no le ha de menester para que le cure en esta enfermèdad, volvamos*

a nuestra casa, y dejemonos de andar buscando aventuras..." (D. Quijote, cap. LXV, 2.^a parte).

Shakespeare põe na boca de Iago: "*Virtue! a fig'tis in ourselves*" (*Otello*, I, III). O sentido aqui, mais que insultuoso, é dar pouco valor a alguma coisa. Na Espanha, como no Brasil, pode-se usar a expressão *uma figa*, em sentido exclamativo, indicando incredulidade ou coisa de pouco valor. Se bem que hoje, já em desuso, a expressão espanhola "*me importa una higa*" utiliza-se, também, nesse sentido.

Ramón de Valle Inclán, escritor espanhol da chamada geração de 98, a utiliza com intenção depreciativa, em uma de suas farsas:

"Me dijo, me dijo
que fuese su amiga
le jice, jice
le jice una jiga" (Ligazón)

A grafia "*jiga*" merece um esclarecimento. Valle Inclán escreveu *jiga*, em lugar de *higa*, aspirando o *h*, para imitar, assim, a forma de falar de certas regiões de Andaluzia.

Através de informação oral que recolhemos do antropólogo Roberto Motta, no Brasil, atualmente, a figa é utilizada como amuleto, exclusivamente contra o mau-olhado. Nas suas exaustivas pesquisas entre os diferentes cultos umbandistas, não tem achado reminiscências fálicas conscientes. Somos de opinião que também o significado fálico perdeu-se, possivelmente, como consequência das pressões exercidas pela moral cristã em torno de qualquer tema ou objeto que guardasse implicação sexual, se bem que perdurasse mais no seu significado que na representação plástica.

A figa é, atualmente, amuleto comum entre os membros dos cultos afro-brasileiros, ainda que não seja atributo especial nem exclusivo de nenhum santo, nem apareça nos *pejis* dos terreiros.

Câmara Cascudo afirma ter visto, na Bahia, uma cruz feita com três figas. Julgamos a peça interessantíssima, pois nela sincretizam-se um símbolo cristão e um amuleto pagão. Nele, poderíamos achar a mesma intenção do gesto que tanto atormentava Santa Teresa: a cruz afastaria o demônio e a figa a desgraça e o mau-olhado. Juntas seriam um remédio contra o mal no seu sentido mais amplo.

Também a mão cornuda ou figa *isola* tem sofrido notável mudança no seu significado, particularmente na Itália, de onde parece ser originária, evoluindo de atributo de força viril e representação do vigor dos animais cornudos para gesto francamente insultuoso de significação completamente contrária. O gesto *isola*, com a mão levantada, é, entre os italianos, o homem cornudo, principalmente o marido traído. Já na Espanha, é utilizado aplicando-se os dedos sobre a madeira ou metal, para afastar o azar e a má sorte, mesmo significado que tem no Brasil, se bem que hoje pouco utilizado. O poder mágico dos metais, tais como o cobre e o bronze, embora inferior ao do ferro que os suplanta, é também muito antigo. Com o ferro, forjam-se todas as armas e instrumentos, evidência do seu poder protetor. Pensa-se no seu poder profilático e curativo das doenças e dos perigos, defendendo-se o indivíduo contra o malefício. As cadeias, anéis, ferraduras, facas, pregos de ferro e em geral todos os objetos feitos com este metal, significam para o homem primitivo uma defesa. Já em épocas remotas, era considerado eficaz contra o mau-olhado, sendo desnecessário destacar que a crença continua viva na atualidade, e daí o poder protetor do ferro reforçar o próprio poder da figa *isola*.

A referência de Câmara Cascudo de que é mais conhecida no Sul do país, inclina a pensar que tenha chegado com os imigrantes italianos, entre os quais, como já dissemos, o gesto mantém-se vivo. O que se perdeu, totalmente, foi sua representação plástica, sendo apenas um gesto neutralizante ou insultuoso, porém nunca um amuleto. Já no Nordeste, o gesto *isola* protetor é, sobretudo entre as crianças, o dedo

indicador sobre o médio e o resto da mão fechada; com ele, o indivíduo considera-se *isolado*, ou seja, protegido do ataque de qualquer mal externo.

A respeito dos gestos utilizados pelas crianças — e que são precisamente aqueles transmitidos mais inconscientemente —, lembramos que, nos subúrbios de Madrid, as crianças faziam figa na presença de ciganos para se protegerem. É possível que, na atualidade, esse costume tenha-se perdido, porém consta-nos que estava bem vivo há não mais de três décadas atrás.

Dentro da simbologia mágica da mão, podemos incluir o gesto muito popular no Brasil, chamado *dar banana*. “No Brasil, diz-se dar bananas a um gesto insultuoso, pondo-se o antebraço ou a mão no sangradouro do outro, este oscilando o punho fechado. O nome é que é brasileiro, mas o uso é europeu e bem velho; *manguito* em Portugal, *far manichetto* na Itália, *hacer un corte de mangas* na Espanha”, assinala Câmara Cascudo (1967). Considerado como gesto vulgar e obsceno, poderia ser relacionado com a figa, e com a mão cornuda, mistura de insulto e esconjuro; em algumas regiões espanholas julgamos que seu verdadeiro significado primitivo era mandar depreciativamente alguém realizar o ato da masturbação masculina. Encontramos, pois, na Europa, outro exemplo de simbologia fálica em relação com a mão, e, por sua vez, nota-se também que sua vulgarização lhe fez perder, no Brasil, o profundo sentido obsceno original. Consta-nos que a maioria dos que hoje o utilizam como gesto ou palavra, não conhecem nem estão aplicando intencionalmente seu verdadeiro significado, e apenas pretendem desprezar atitudes contrárias às próprias. Também Veríssimo de Melo (1960), menciona o gesto de “dar banana” como demonstração de revolta ou protesto.

Outro gesto também relacionado com a figa, se bem que mais insultuoso do que profilático, é estender somente o dedo médio, deixando os outros flexionados. Já era conhecido

entre os romanos, que o chamavam de *infamis*, e também de *impudicus* e *verpus*, porque esta posição da mão pretendia uma comparação obscena e era gesto de mofa. O duplo sentido propiciatório contra o mau-olhado e fálico está patente também neste gesto: as mães e nutrizes romanas colocavam a mão nesta posição e untando o dedo de saliva tocavam na testa dos recém-nascidos para protegê-los, como lemos nos versos do poeta satírico Pérsio: “*frontem que atque uda labella infami digito et lustralibus ante salibis expiat*” (Pérsio, II, 32). No *Satiricon* (Petronio, CXXXI) uma feiticeira faz o mesmo gesto e unge com saliva a testa de Polieno para livrá-lo da impotência sexual de que sofre o jovem. Finalmente, podem-se citar como sinal protetor os dedos polegar, indicador e médio estendidos e dobrados os outros dois, gesto citado por Santo Agostinho (*Epistolas*, XVII, I). Uma mão votiva de bronze com figura de Serápis e símbolos protetores esculpidos em relevo, conservada no Museu de Berlim (fig. III) reproduz este gesto.

São muito numerosos os exemplos, desde a Antiguidade, tanto na arte como na literatura, da relação existente entre os amuletos e gestos contra o mau-olhado representando fatos obscenos. Não podemos, então, deixar de nos perguntar a razão desta interdependência.

De todas as forças capazes de produzir o mau-olhado ou fascinação — o *fascinum* romano, a *basrania* grega — que designam em particular a influência perniciosa que uma pessoa pode exercer sobre tudo que a rodeia, sem recorrer a nenhuma cerimônia ou fórmula mágica, e mesmo sem a sua expressa vontade, é o *olhar* a maior força maligna, o *oculus malignus*, capaz de consumir os corpos daqueles a quem é dirigido. A crença é tão arraigada que, segundo Santo Agostinho (*Confissões*, I, 7), até as crianças novas, incapazes de falar, podem produzir o mau-olhado. São numerosas as referências dos autores clássicos a respeito do olhar maligno produtor de fascinação. Um dos que mais amplamente tratou o tema é Plutarco (*Simposium V*, 7) examinando as crenças populares

a respeito e ouvindo a opinião de pessoas dotas e esclarecidas que, incrédulas, o tomavam como vulgar superstição. Plutarco admitia a existência de certas imagens possuidoras de sentimentos e de ação e portadoras de maldade e inveja, sentimentos que delas emanavam e transmitiam àqueles a quem se desejava enfeitiçar, causando perturbação ao seu corpo e a sua alma. Segundo Plutarco, era com os olhos, principalmente, que estas imagens maléficas comunicavam-se, pois sendo o órgão da visão muito ágil, emitiam com sua luminosidade, uma força ígnea de atividade surpreendente e que produziria tremendos efeitos...

Produzir fascinação com o olhar poderia ser força hereditária em determinadas famílias, e fazer vítimas do próprio poder. Um epigrama citado por Plutarco refere-se a um certo Eutélides, que se olhando nas águas de uma fonte, ficou enfeitiçado e começou a enfraquecer imediatamente. Mulheres de duas pupilas tinham também o mesmo poder de fascinação, e Plínio (*Naturalis História*, VII, 2) cita uma imaginária população do Ponto que tinha estranhos olhos, um com pupila dupla e outro com a imagem de um cavalo, ambos produzindo o mau-olhado. Ovídio (*Metamorfosis*, VII, 635), atribui o "fascinum" ao povo lendário dos Talchinos. Para Horácio (*Epistolas*, I, 14, 37), o mau-olhado não só atingia a pessoa através do olhar maléfico, como também os seus bens e tudo o que lhe era caro.

Se os olhos são a maior força do mau-olhado, todos os meios de proteção baseiam-se, uniformemente, na mesma idéia, como garantia contra ele (*praefascinandus rebus*), ou seja, obrigar ao "olhar fascinador" e maléfico a se afastar com a oposição de um objeto indecente, ofensivo, ridículo e insultuoso (*turpe, ridiculum, infamis, impudicus*), que repila o insistente olhar maléfico. Devolver o mal com o mal da mesma forma que a Gorgona não pode resistir ao olhar da própria imagem. O Gorgoneion com a cara horripilante da Gorgona, impede qualquer olhar maligno sobre quem o leva.

É aqui que encontramos a verdadeira razão de que amuletos contra o *fascinum* sejam indecentes e representem o falo e o ato sexual e apareçam nas insultuosas e agressivas formas da mão cornuda. Enfim, quanto mais indecente um gesto, mais afasta o olhar maligno e fascinador, e, por essa razão, além dos gestos obscenos, representam-se, também, figuras acoradas, defecando, junto com os olhos e outros símbolos profiláticos.

A representação fálica afastadora da fascinação foi tão comum entre os romanos, que o próprio falo foi chamado de *Fascinum*, tomando o nome do mal que ajudava a neutralizar. As características próprias do *fascinum*, capaz de atingir animais, indivíduos, famílias e até cidades, pela força única do olhar maligno, distingue-o dos outros malefícios (*magia, devotio, imprecatio*), fazendo-o mais temível.

Na antiga Roma, proteger-se contra o *fascinum* formava parte da vida cotidiana e, na Idade Média, nem os padres da Igreja negaram a sua existência ou consideraram o assunto como mera superstição; apenas o atribuíram ao demônio ou espírito maligno.

Nos comentários do gramático Pomponio Porphrion aos *Epodos* de Horácio (*Epodos*, VIII, 18), pode-se ler: "*Fascinum pro virili parte posuit quoniam praefascinandis rebus haec membri difformitas apponi solet*". Vemos, aí, como a idéia de *fascinum* e *falus* se identificam. Junto com a figa, é o amuleto preservativo mais forte, *medicus invidiae*, chama-o Plínio, sendo suspensos nos triunfos romanos no carro do vencedor para livrá-lo dos olhares invejosos no momento da glória (*Naturalis Historia*, XXVIII, 39). Como símbolo da fecundidade, é também protetor contra o mau-olhado que pode destruir os frutos da terra; isolado ou de tamanho exagerado nas estátuas do deus Priapo, era colocado na beira de campos e jardins. Em esculturas ou em baixo-relevos figurou nas muralhas das cidades e em edifícios públicos e privados. Amuletos como o da figura n.º 5 são comuns em todo o mundo

romano, geralmente pendurados nos batentes das portas. Um exemplar achado em Pompéia leva a inscrição "*hic habitat Felicitas*".

Em carta pessoal que nos foi enviada, recebemos do mestre Câmara Cascudo uma informação preciosa: em 1953, comprara no mercado de São José, no Recife, um pequenino falo de corno com orifício de suspensão, para se trazer na cueca, garantidor de virilidade. São vendidos na Bahia e "logicamente no Rio de Janeiro, enseada dos rios da Superstição", assinalou, espiritualmente, o antropólogo potiguar. Revive-se, assim, no Brasil, uma autêntica tradição clássica.

Com a mesma orientação, o corno, símbolo da energia sexual e da potência física, defende as lavouras, afasta as pragas e protege contra o quebranto e mau-olhado.

Se bem que o olhar fosse considerado o mais forte causador da fascinação, não era a única das causas capazes de produzir os mesmos efeitos. O mau-olhado podia chegar por meio da palavra, mesmo que o causador do mal não tivesse a intenção de ferir. Elogios desmesurados, manifestação de felicidade, confiança em si mesmo, podiam também trazer a má vontade dos deuses. Era a *nemesis* grega, castigo dos deuses à felicidade excessiva de alguns mortais. Plínio relata que certas famílias da África podiam, com seus perigosos elogios, por em perigo a vida dos soldados, secar árvores e matar crianças (*Naturalis Historia*, VII, 2). Em contrapartida, uma linguagem confusa poderia enganar os deuses, utilizando-se panegíricos hiperbólicos ou ridículos, confundindo-os de forma a atrair sobre outros sua cólera ou inveja. Esta é a intenção dos famosos versos de Catulo:

"tam te basia multa basiare
uesano satis et super Catullo est,
quae nec pernumerare curiosi
possint nec mala fascinare lingua"
(*Carmina*, VII, 8-12)

(tantos são os beijos que terias de dar ao louco Catulo, para que tantos tivesse que não os pudessem contar os curiosos nem os enfeitiçar com sua invejosa língua).

A mesma idéia da inveja do *fascinator* aparece também nos versos:

"Dein, cum milia multa fecerimus,
conturbabimus illa, ne sciamus,
aut ne quis malus inuidire possit,
cum tantum sciat esse basiorum"
(*Carmina*, V, 10)

(Depois quando somássemos mais de mil nos enganaríamos nas contas, para que não soubéssemos quantos eram e para que nenhum invejoso não nos pudesse mau-olhar ao saber que tantos beijos foram).

O *fascinator* da Roma antiga, o *jettatore* na Itália atual, são os indivíduos de quem "até falar ofende", segundo as palavras de Câmara Cascudo, indivíduos em quem ainda se acredita, amplamente, no Brasil.

A respeito do quebranto produzido pela palavra, vale registrar a pedra existente na torre da Igreja de Verin, na Galicia (Espanha), com a seguinte inscrição escrita em castelhano arcaico: A' LAS MALAS LEMGUOAS ESTAS FIGUASS, logo abaixo há duas figas esculpidas opostas, dentro de um círculo (Leite de Vasconcelos, 1938).

A difundida crença no *fascinum* foi a causa da abundância dos amuletos capazes de afastar o mal. Quem se achasse em imediato perigo, poderia se defender, fazendo rapidamente, o gesto da figa. Grande número de amuletos antigos representam a figa que, como o falo, foi também chamado *fascinum*, indicando não somente o mal, e sim, também, o próprio remédio.

Como as principais vítimas do mau-olhado eram as crianças, a proteção começava logo no nascimento, com todo tipo de amuletos e encantamentos. A crença de considerá-las as vítimas mais atingíveis deve estar baseada tanto na sua própria dependência e debilidade, como na maior facilidade de contrair doenças e sucumbir às epidemias do que os adultos, além de que a felicidade dos pais com o nascimento de uma criança bela e sadia, poderia eventualmente, excitar a inveja dos deuses. Essa crença mantém-se viva até nossos dias, muito especialmente no Brasil, onde se já não são os deuses invejosos os causadores do possível mal à criança, é o mau-olhado de alguém, maléfico, azarento, agourento, autêntico filho da inveja, a quem se pode atribuir a origem de qualquer desgraça que lhe suceda.

A respeito do particular perigo que correm as crianças com o mau-olhado são interessantes os comentários, combatendo a superstição, que Lopes Gama publicou em 1838, no *O Carapuceiro* intitulado *Os olhados, quebrantos e malefícios*: ... "o *acertado* uso de pôr figas de chifre em chaveiros, em crianças ou em qualquer coisa que se estima; porque de quantos antidotos se conhecem para quebrantos e olhados nenhum há de tanta virtude como as figas, e mais se são de chifre; que têm estas muitas aplicações na grande arte de malefícios; por isso quando alguma mãe tem de mandar fora o seu menino, logo advertem que não vá sem levar figas no cinto para evitar os maus olhados, e às vezes é o fedelhinho tão feio, tão sernoso e magro, que ninguém há que possa ter inveja de semelhante lesma; mas, não sai sem as figas por causa do quebranto".

A crença continua tão arraigada, que ainda hoje um periódico nacional, publica um anúncio da Editora Multilivros Ltda., do Rio de Janeiro, sob o título "*Como evitar o Olho Grande e a inveja*", e no qual a editora oferece como brinde, na compra do livro, "uma caixa de defumador *Anula Olho Grande* e uma figa de azeviche para sua proteção".

É comum, ao visitar-se um recém-nascido, junto com ou louvores próprios ao caso e ao "Benza-te Deus", aconselhar-se à mãe a colocar no filho uma figa e uma fita vermelha, proteção segura contra qualquer quebranto. Aliás, o costume de proteger crianças novas com algo vermelho é de tradição hispânica, costume que se mantém, até hoje, nas populações camponesas da Península Ibérica e não esqueçamos que a cor vermelha e a figa dessa cor são símbolos de boa sorte.

Na antiga Roma, quando uma criança nascia, era protegida do *fascinum* com vários tipos de amuletos e encantamentos, entre os quais a figa era comum. No nono dia do nascimento, realizava-se a cerimônia do *lustratio*, espécie de batismo pagão, que purificava pela água e pelo fogo. No ato do *lustratio*, impunha-se o nome à criança e se colocava no seu pescoço a *bulla* que, dependendo de sua condição social, poderia ser uma medalha de ouro ou de outro metal, no qual estavam gravados símbolos protetores, tais como olhos, animais sagrados, falos, figas, fórmulas mágicas, etc. Ao mesmo tempo, a *bulla* indicava sua condição livre (*insigne ingenuitatis*). As crianças mais pobres levavam um saquinho ou bolsa de couro, também em volta do pescoço, contendo amuletos contra o mau-olhado, entre os quais se achava a figa. A *bulla* era levada até aos 16 anos de idade, quando os meninos passavam a formar parte dos *juvenes* e tiravam a *bulla*, então oferecida aos deuses lares. Vestiam, nessa ocasião, a toga viril. Era tão peculiar às crianças, que, nas representações romanas do deus Harpócrates, adorado em Alexandria como Hórus-menino ou o Sol nascente, aos seus atributos, juntou-se a *bulla*. Harpócrates era também o deus do silêncio, protetor contra o mau-olhado produzido pela palavra. Figurinhas votivas do deus, aparecem com a *bulla* e também são comuns colares de amuletos, nos quais consta a figa.

No Museu Etnográfico de Lisboa, guarda-se uma *bulla* de bronze em forma de caixinha, publicada por Leite de Vasconcelos (1913), e na Real Encyclopédie de Pauly-Wissowa, fala-se, no verbete *bulla*, de outra procedente de Portu-

gal, e achada numa urna funerária que tinha como adorno uma pedra gravada.

A *bull*a fora utilizada pelos etruscos de quem os romanos a herdaram, como demonstram as encontradas em túmulos etruscos e o colar como sete "*bullas*" de ouro do Museu Gregoriano Etrusco, no Vaticano.

Além de amuletos, guardavam-se também nas *bullas* receitas e fórmulas mágicas ou cabalísticas contra a fascinação. No Museu do Louvre, conserva-se uma, contendo uma lâmina de prata, com fórmulas gravadas contra demônios e malefícios. Essas lâminas em pergaminho, prata ou ouro eram comuns nas *bullas*, e sua origem pode ser procurada nas fórmulas efésias, feitas em placas de barro, pedra ou metal, gravadas com inscrições ininteligíveis, que, às vezes, lêem-se em todos os sentidos e nos *abraxas* dos gnósticos, pedras com nomes misteriosos, como o *abracadabra*, que se podia ler em duas direções. Encontramos, atualmente, reminiscências desse costume, nos fascículos dos Evangelhos costurados em escapulários e nas pequenas folhas de papel contendo orações, que se vendiam em alguns conventos da Espanha, feitas especialmente para serem engulidas pelos crédulos.

Valdemar Valente, ao referir-se às sobrevivências islâmicas nos cultos afro-brasileiros, cita o hábito de alguns negros pendurarem no pescoço pequenos saços, contendo pedaços de papel com versículos do Corão. "Ao nosso ver, trata-se de uma sobrevivência mágica que não pertence especificamente a tal ou qual povo. No caso em foco deve resultar da concorrência de práticas do fetichismo africano e de costumes mágicos do islamismo" (Valdemar Valente, 1954).

Chegada ao Brasil pela via cristã ou maometana, sua origem está na *bull*a romana, com possíveis influências orientais mais antigas, como, por exemplo, no caso das *laminae argenteae* e *laminae aureae*, com orações muito recomendadas por Marcellus Empiricus na sua *Medicina*.

Da mesma forma que a figa como amuleto nunca se perdeu totalmente, também o costume de guardar orações ocultas e protetoras manteve-se na Europa, e através de um cristianismo supersticioso chegou ao Brasil. Não se pode desprezar a hipótese de que a adoção brasileira tenha sido originada por caminhos complementares. Negros islamizados não podem ser excluídos. De qualquer forma serão sempre caminhos paralelos, vias culturais de uma mesma origem clássica.

Ainda hoje, na parte interna das portas de casas da pequena classe média brasileira, são afixadas orações, pedindo proteção a Nossa Senhora. Quadrinhos com a frase "Deus proteja esta casa" podem ser comprados nos mercados públicos do Nordeste e também são comuns até hoje na Espanha e em Portugal.

No ato do *lustratio* e junto com a *bull*a, era oferecido à criança, pelos seus familiares e nutrízes, um colar com amuletos propiciatórios (*crepundia*) que servia também de brinquedo. O número e tipos de amuletos era variado, dependendo da região, porém, eram muito comuns as figas, mãos e pés votivos, falos, pequenos sinos (*tintinabulum*) dentes de animais, etc. Em Portugal, chamam-se "arrelíquies" esses colares de amuletos ainda usados em pleno século XX. (Leite de Vasconcelos, 1913).

Em todo o Brasil, e particularmente na Bahia e em Pernambuco, acham-se à venda colares de amuletos de tipo muito interessante pela sua semelhança com os *crepundia* romanos: são aqueles em que aparece uma figa segurando um aro, do qual pendem pequenas figas coloridas, chifres, *cipreas*, sinetes, dentes, etc. Aparece também a figa associada à meia-lua e ao *signum salomonis* nos chamados amuletos *pantheos*, conjunto de signos que formam um todo mágico.

Está claro, portanto, que o uso de amuletos, particularmente da figa, não se perdeu desde a Antiguidade, mantendo-

se em uso na Europa. Concretamente na Espanha e em Portugal, a figa como amuleto, pode ter sofrido um certo desuso, sem chegar, por isso, à extinção total. Leite de Vasconcelos (1925) citava amuletos em forma de figa, de diferentes épocas, e de uso comum em Portugal, na sua época.

Na Galícia foi sempre muito utilizada, sobretudo feita de azeviche e coral (G. Osma, 1916), já que ambos materiais em si mesmos são protetores contra bruxas e mau-olhado, costume e crença também de terras portuguesas.

A figa, como tantos outros amuletos protetores e profilático-sexuais, tais como raízes, cornos, *cipreas*, falos, estrelas, etc., formam parte da bagagem de superstições, crendices, sincretismos religiosos, mitologias clássicas e orientais, que os povos hispânicos trouxeram do Velho para o Novo Mundo, nas caravelas e galeões onde também vinham o medo do futuro e a incerteza do desconhecido.

Gabriela Martin
Recife 1975

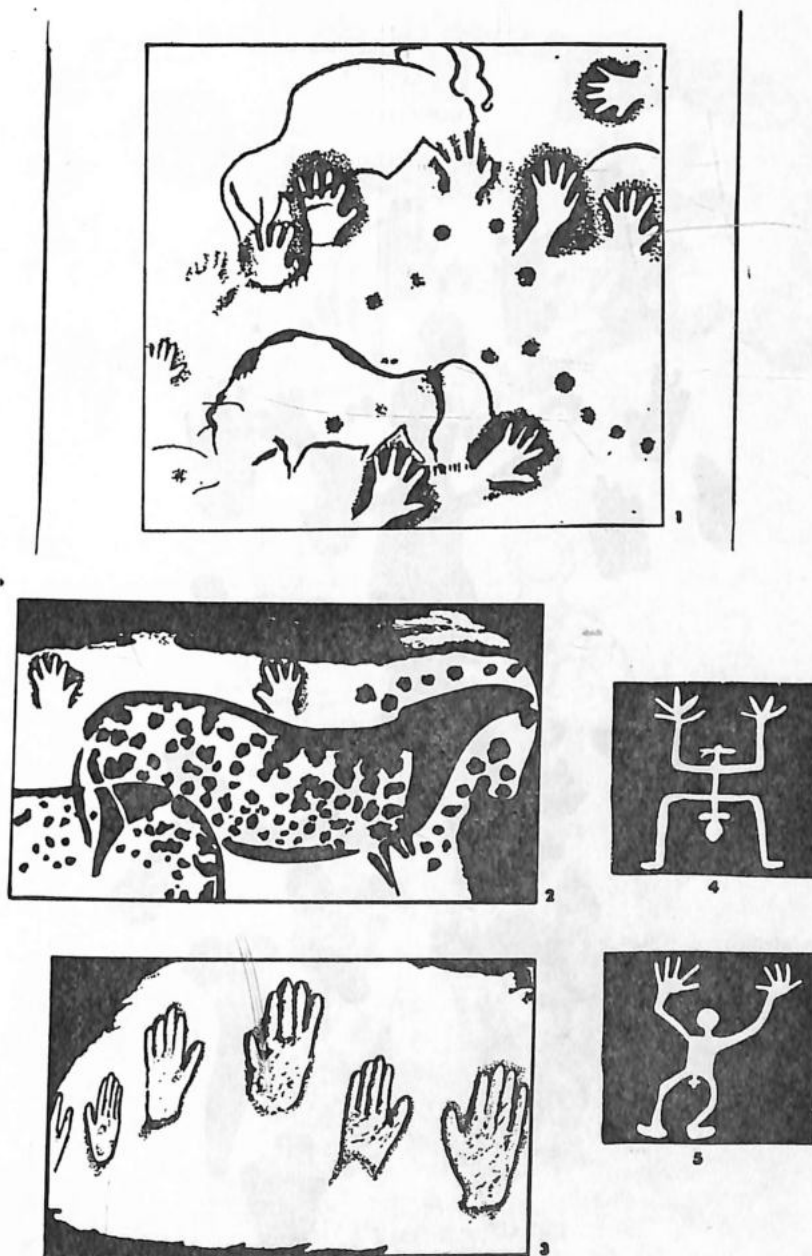


FIGURA I

- 1) Silhuetas de mãos sobre figuras de bisões, na Cueva del Castillo (Espanha).
- 2) Mãos em tamanho natural sobre um cavalo, na caverna de Pech-Merle (França).
- 3) Mãos esculpidas na rocha, em Valcamonica (Itália).
- 4-5) Gravuras de figuras humanas estilizadas com grandes mãos e falus, em Valcamonica (Itália).



FIGURA II

Silhuetas de mãos em torno de figura de lagarto. Pintura rupestre procedente do Município de Sumé em Campina Grande (Paraíba) Descoberta e copiada pela Profa. Ruth de Almeida.



2



FIGURA III

- 1) Colar de amuletos achado em uma tumba romana de Parma, na qual aparecem figuras de animais (leão, cabeça de galo, rã, escaravelho), figa, falo, figura de Hermes itifálico, figuras acocoradas, pedras e contas de colar de pasta vítrea de tradição púnica do tipo chamado de "olhos".
- 2) Amuletos romanos de bronze nos quais se associam os cornos do touro e o falo, ambos considerados de grande poder protetor.
- 3) Mão votiva romana de bronze.

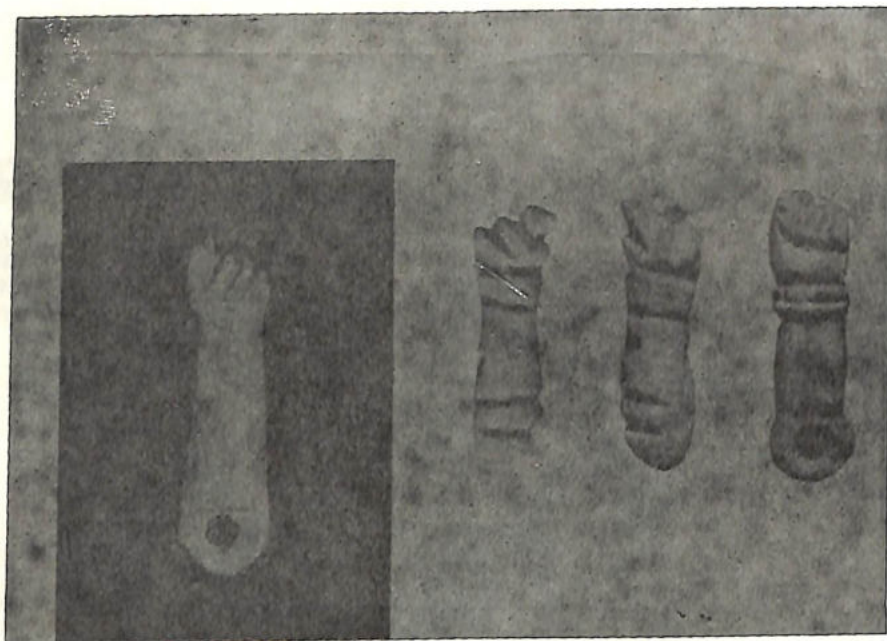


FIGURA IV

Figas de osso, procedentes da cidade púnica de "Ebussus" (Ilha de Ibissa), do Museu de Pré-história de Valência.

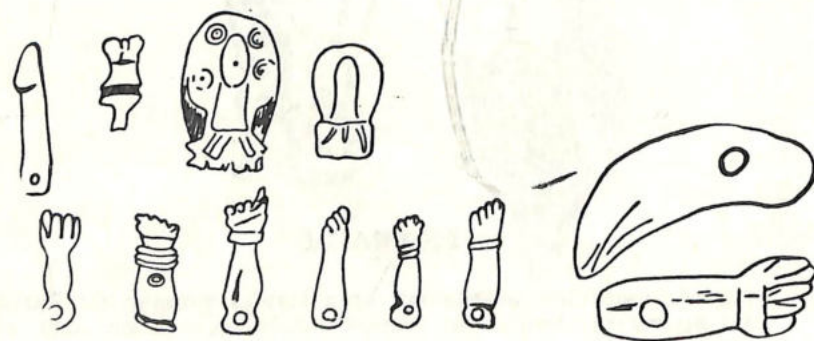


FIGURA V

Figas e amuletos fálicos de osso, procedentes das necrópoles púnicas de "Ebussus" (Ilha de Ibessa).



FIGURA VI

Amuletos itifálicos de bronze procedentes da cidade greco-romana de "Emporion" (Ampurias, Espanha). Eram pendurados nos batentes das portas para afastar o "fascinum". Museu de Valência.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Ruth Trindade de, (1974) "A arte rupestre nos Cariris Velhos da Bacia do Paraíba", Campina Grande (Pb).
- BELLUCCI, G. (1908) "Gli amuleti, um capitolo de psicologia popolare", Perugia, 1908. "Amuleti italiani contemporanei". Catálogo descritivo, Perugia, 1898.
- CÂMARA CASCUDO, Luís da (1949), "Gorgoneion", Madrid.
- CÂMARA CASCUDO, Luís da (1950), "Meleagro", Ed. Agir, Rio de Janeiro.
- CÂMARA CASCUDO, Luís da (1972), "Dicionário do Folclore Brasileiro". I.N.L., Brasília.
- CASTIGLIONE, Arturo (1934), "Lucantesimo e magia", Ed. Mondadori, Milão.
- CINTAS, Pierre (1949), "Amulettes puniques", Tunes.
- DAREMBERG, Saglio (1877), "Dictionnaire des Antiquités grecques et romaines", Paris.
- FREYRE, Gilberto (1950), "Casa Grande e Senzala", 6a. Ed., Vol. II, págs. 530-532. "Retalhos de jornais do Rio", Liv. J. Olímpio, Rio 1964, pág. 92.
- LEITE DE VASCONCELOS, J. (1913) "Religiões da Lusitania", V. III, Lisboa.
- LEITE DE VASCONCELOS, J. (1925) "Figas", Porto.
- LEITE DE VASCONCELOS, J. (1938) "Opúsculos, Etnologia", vol. V. Cap. VII, pág. 585, Lisboa.
- MURDOCK, G. P. (1945), "Our primitive contemporaries", The Mac Millan Co., New York.
- OSMA, G. J. (1916), "Catálogo de los azabaches compostelanos". Madrid.
- PEREIRA DA COSTA, F. A. (1974), "Folk-lore pernambucano", Arquivo Público Estadual, Recife, pág. 119-122.
- ROMAN Y CABET, F. (1907), "Los nombres e importância arqueológica de las islas Pythiasas", Barcelona, lam. III.
- VALENTE, Valdemar (1954), "Marcas muçulmanas nos xangôs de Pernambuco", Faculdade de Filosofia de Pernambuco, Recife.
- VALENTE, Valdemar (1955) "Sincretismo religioso afro-brasileiro", Brasileira 280, São Paulo, pág. 87-88.
- VERISSIMO DE MELO (1960), "Gestos populares", Natal.
- VIVES Y ESCUDERO, Antonio — "Estudios de Arqueologia Cartaginesa, La necropolis de Ibiza", lam. XXVIII, nº 1-6.
- MAFRA CABRAL, E. e SOUZA NASSER, A. (1964), "Informação sobre Inscrições Rupestres no Rio Grande do Norte", Natal.
- O CARAPUCEIRO, periódico moral, e só **per accidens** político, dirigido pelo Padre Miguel do Sacramento Lopes Gama, Pernambuco, 1837-1942.

O movimento modernista e as ciências sociais no Brasil (*)

NELSON SALDANHA

É consabido que os grandes movimentos literários são sempre algo mais do que movimentos literários. O renascimento foi mais do que literatura renascentista, como o romantismo foi mais do que um fenômeno das letras — mesmo que se utilize, o que é sempre válido, um conceito amplo de letras e de literatura. É evidente que a expressão literária, em cada uma de suas grandes épocas históricas, se entende em ligação com movimentos culturais complexos, globais, onde se transformam como um todo as manifestações mais diversas do espírito e da vida intelectual. Deste modo, e em conexão com este modo de ver, podemos compreender o romantismo (repetindo o exemplo) como um amplo quadro onde a literatura e outras formas de criação intelectual se apresentam. Isto se aplica a outros períodos, como o iluminismo, o barroco etc.

E também podemos considerar a história da literatura no Brasil em função deste tipo de enfoque. Os grandes movimentos não são apenas literários: encaixam-se em conjunturas de renovação ou de desenvolvimento, ao lado de movimentos filosóficos e ideológicos bastante caracterizados. Nosso romantismo foi, como o europeu, um momento de euforia nacionalista e de propiciação aos estudos históricos; e ao realismo correspondeu, igualmente ao do velho mundo, uma atitude naturalista e cientificista que deu frutos inconfundíveis no plano do pensamento filosófico e das ciências sociais.

(*) Texto da conferência pronunciada a 9 de outubro de 1975, no Instituto de Letras da UFPE, como parte de um curso sobre o modernismo no Brasil.